

## O “CORONEL SYDNEI”: trajetória de um empresário negro em Curitiba desde os anos 50

Benno Warken ALVES<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisamos a trajetória do militar, político e empresário Sydnei Lima Santos, negro nascido no Rio de Janeiro que teceu boa parte da sua história em Curitiba. Mudou-se para a cidade em 1951 e fundou vinte e dois anos mais tarde, em 1973, o que viria a ser uma das maiores Universidades do estado do Paraná, a Tuiuti. Analisamos os caminhos de sua ascensão social, especificamente o exército, a política, as relações pessoais e o campo do ensino privado, buscando compreender as possibilidades mais ou menos abertas ao negro em uma sociedade curitibana de meados do século XX que passava por importantes transformações modernizadoras. Exploramos alguns indicadores estatísticos dessas transformações e a sua “ideologia conservadora” própria, formulada por alguns intelectuais locais a partir dos anos 50. Com isso, tornamos possível compreender o sentido da trajetória e de algumas das suas vicissitudes no contexto local específico e em relação com discussões mais amplas sobre as “relações raciais” no Brasil.

**Palavras-chave:** Trajetória. Ascensão social. Relações raciais. Curitiba.

### THE “COLONEL SYDNEI”: trajectory of a black businessman in Curitiba since the 50’s

**Abstract:** In this article we analyze the trajectory of the army official, politician and businessman Sydnei Lima Santos, a black man who was born in Rio de Janeiro and made most of his history in Curitiba. He moved to the city in 1951 and founded, twenty-two years later, in 1973, what would be one of the biggest Universities in the state of Paraná, the Tuiuti. We analyze the channels of his social ascension, specifically the army, the politics, the personal relationships and the field of the private education, aiming to understand the possibilities opened to the black people in a society that was suffering significant modernizing changes. We explore some statistical data that indicate these changes and the “conservative ideology”

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Paraná - UFPR. Discente do Programa de Educação Tutorial (PET) da citada universidade. E-mail: bennowa@hotmail.com.

expressed in the works of some local intellectuals since the 50's. By doing so, we expect to make it possible to understand the meaning of the trajectory and of its vicissitudes in the specific local context and related to the broader discussions on the "racial relations" in Brazil.

**Keywords:** Trajectory. Social ascension. Racial relations. Curitiba.

Este artigo baseia-se em uma pesquisa realizada entre julho de 2010 e junho de 2011. Nele, analisaremos a trajetória de Sydnei Lima Santos, ou "Coronel Sydnei", como é amplamente conhecido na cidade de Curitiba. Negro, nascido no Rio de Janeiro em 1925 e militar de formação, ele chegou em 1951 à cidade como tenente do Exército e fundou em 1973, o embrião da Universidade Tuiuti, hoje uma das maiores do Paraná (e "o maior negócio já levantado por um negro no Brasil" (CARVALHO, 2008). Chama atenção quase imediatamente que a história tenha se passado em Curitiba, capital que, assim como o resto do estado, assimilou uma simbologia ligada à história da imigração de europeus e, secundariamente, asiáticos. Na autoimagem étnica local, que é um importante fator da sua identidade – e como argumentaremos tem um caráter racista –, se existe algum lugar para o negro, esse lugar é completamente marginal. As conquistas do "coronel Sydnei", falecido em 2001, aparecem nesse cenário com uma forte aura de excepcionalidade.

Nosso primeiro contato com a história do "coronel" foi por meio de uma reportagem da Folha de São Paulo que entrevistava quatro executivos negros, perguntando-lhes sobre a percepção que tinham do preconceito racial (2008). Um deles era o filho do "Coronel Sydnei", atual administrador da Universidade Tuiuti. De alguma forma, essa escolha refletia o reconhecimento de que Sydnei e sua família (apesar de a esposa ser branca) representavam a "elite preta" (parte do título da entrevista) da cidade de Curitiba. Duas informações dadas pelo filho de Sydnei eram especialmente importantes na entrevista: seu avô havia sido forçado a entrar para a Marinha ("laçado"), o que indicava sua origem subalterna, e o entrevistado confirmava a atuação perversa do preconceito racial em Curitiba na ascensão social do país.

A incidência do preconceito é um indicativo de que a história do "coronel Sydnei" pode não ter sido absolutamente excepcional. Talvez sim do ponto de vista das realizações. Mas a situação típica do preconceito racial enfrentado pelo negro de posição superior mostrava que o "coronel" também esteve sujeito às determinações comuns ligadas às suas origens. Isso complica o problema, mas o torna interessantíssimo sociologicamente. Que sociedade é essa que permite o sucesso e o reconhecimento de

alguém “que vem de baixo”, mas o puno – embora não bloqueando completamente sua ascensão – ao lembrar-lhe com as manifestações preconceituosas que de certa forma sua posição superior não lhe é apropriada? Para compreender o nexu entre as realizações e a sujeição a situações comuns de demarcação das distâncias sociais é necessário levantar algumas das características dessa sociedade. Ao que tudo indica, ela passava por uma transformação dos fundamentos que regulavam a distribuição dos bens, serviços e honras sociais – uma transformação da “ordem social” (WEBER, 2002, p. 127).

Durante os anos 50, 60 e 70 – o período em que focamos a reconstrução da trajetória – ocorreu no Paraná um vertiginoso processo de crescimento. Curitiba condensou suas principais consequências. Segundo Octavio Ianni, “em 1950, Curitiba já assumiu feição caracteristicamente urbano-industrial (...) de uma economia capitalista em mudança.” (IANNI, 1988, p. 263). Em mudança, pois, em 1950, as transformações rápidas e profundas recém começavam. Ressalta na revisão das estatísticas da década de 1950 que a população do Paraná mais que dobrou, sendo um dos estados que mais cresceu no período. O índice é o triplo do índice médio de crescimento da população brasileira. Curitiba, por sua vez, cresceu 68% na década de 50. Nos anos 60 e 70, o processo de urbanização no Paraná excedeu com folga os níveis nacionais e da região Sul. Entre os censos de 1950 e 1970, a população de Curitiba passou de 180.000 para 610.000 habitantes. Nos 70, foi o ímpeto do crescimento econômico paranaense que se destacou. Em suma, nos 30 anos que englobam a trajetória analisada ocorreu o rápido desenvolvimento da sociedade urbano-industrial em Curitiba. Índices de crescimento tanto inéditos e inigualados desde então quando destacados no plano nacional.

A partir desse quadro, podemos formular uma pergunta central: qual a relação entre a ascensão excepcional desse homem negro em Curitiba e o singular processo de modernização local em curso na mesma época? Essa pergunta desdobra-se em algumas outras, mais específicas: a) quais os principais caminhos de ascensão que a análise da trajetória do “coronel Sydnei” revela? b) que tipos de possibilidades de ascensão mostra estar ao alcance do negro em Curitiba na época; são possibilidades “novas”, ligadas ao desenvolvimento de uma economia e de uma sociedade mais modernas? c) que tipo de consciência e interpretação sobre a modernização local fez-se dominantes no cenário intelectual, e qual a relação disso com a trajetória do “coronel Sydnei”? A maioria das informações utilizadas para a reconstrução da trajetória provém de uma

longa entrevista realizada pelo CPDOC com Sydnei Lima Santos pouco antes do seu falecimento (TRAJETÓRIAS, 2002, p. 739-61)<sup>2</sup>.

O pai de Sydnei era da Marinha. Apesar de ele, segundo o depoimento do neto (CARVALHO, 2008), ter sido forçado a entrar para a instituição (ainda no seu estado natal, Sergipe), o emprego no Rio de Janeiro proporcionou-lhe uma condição de estabilidade familiar. A estabilidade da carreira paterna foi um dos principais motivos para que o próprio Sydnei decidisse ingressar no curso da Escola Militar de Resende. Jovem e recém formado no ensino secundário do Colégio Militar, Sydnei tinha, por ser egresso dessa instituição, o privilégio de entrada direta na Escola Militar, sem necessidade de realizar as concorridas provas de admissão. Mas não compareceu aos exames físicos que precediam a matrícula, pois de início não pretendia seguir a carreira. Queria estudar Química Industrial, um curso novo. Foi uma decisão ousada trocar a certeza da carreira militar por uma ideia como essa. Mas sua mãe, insistindo para que não desperdiçasse a oportunidade, e com o auxílio de algumas circunstâncias fortuitas, como uma nova possibilidade de realizar os exames físicos, o demoveu da ideia ousada. Sydnei ingressou na Escola Militar de Resende em 1946, ano da redemocratização do pós-Estado novo. Tinha 21 anos.

A tendência a não contentar-se com a atuação no Exército foi marcante em toda a sua trajetória. Conforme vimos, apenas com alguma resignação ingressou na Escola Militar. Ao longo da carreira, pendeu sempre para as atividades de educação e instrução. Sydnei tinha uma forte ligação com esse campo. Não à toa, nas publicações oficiais da Tuiuti (O TUIUTI, mai. 1988; TUIUTI, ago. 1988; PROMOVER, mai. Jun. 2001; PROMOVER, dez. 2001) e nos depoimentos coligidos de sua esposa (PROMOVER, jul 2002; RANGEL SANTOS, 1999), quando o assunto é a história do “professor Sydnei”, há sempre ênfase na vocação de “educador”. De fato, recém saído aspirante a oficial da Escola Militar, em 1948, decidiu servir no Regimento Escola de Infantaria, cujas funções eram mais de ensino e demonstração de técnicas bélicas. Ainda no Rio de Janeiro, começou a dar aulas em um curso preparatório. Mudou-se para Curitiba em 1951 para assumir o cargo de instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Em 1959, entrou por meio de concurso para o corpo docente do recém inaugurado Colégio Militar de Curitiba, lecionando Matemática. Ele permaneceu nesse cargo até ser reformado e desligado de suas obrigações com o Exército, em 1968. A concretização de suas aspirações apontava para fora da instituição, e enquanto esteve dentro dela, direcionou essas aspirações para o magistério.

---

<sup>2</sup> Discriminaremos quando a fonte da informação for outra.

O desajuste entre as possibilidades de realização no Exército e as aspirações de Sydnei pode ser indicado pela escolha da Infantaria como arma de especialização. É a menos nobre das armas, e as características a ela associadas têm pouca relação, por exemplo, com as capacidades matemáticas e com a vocação de “educador”, tão ressaltadas nas descrições de Sydnei. A escolha da arma de especialização seguia certos critérios hierárquicos, aliás, como ocorria pelo menos até recentemente na Escola Militar (CASTRO, 1990), e o Exército “abrigava muitos filhos de famílias de posses e posições” (TRAJETÓRIAS, 2002, p. 732).

Talvez a escolha da infantaria tenha sido imposta, de algum modo, pelas circunstâncias, mais do que pelas características pessoais de Sydnei. Esse é apenas um indício, não conclusivo, do desajustamento referido, mas que corrobora e ajuda a explicar o desejo sempre presente de conquistas para fora do Exército. Dentro dele, outros critérios costumavam sobrepor-se aos méritos na distribuição dos privilégios. É bem provável que um homem ambicioso e extremamente capaz, mas de origem humilde, como Sydnei, se sentisse injustiçado e impotente frente a essa ordem institucional.

Apesar disso, o Exército foi indispensável para as conquistas de Santos fora dele. Em muitos casos, foi o capital acumulado ao longo da carreira militar que o permitiu alçar voos ousados em outros campos. Os cargos de instrução e ensino que ocupou foram paralelos à busca de formação civil. Ao longo dos anos 50, formou-se Orientador Educacional e Licenciado em Matemática pela PUC/PR. Primeiro a convite e depois em sociedade com colegas militares, Santos consolidou a atividade docente civil: trabalhou em um curso preparatório para o ginásio e para o Colégio Militar; em sociedade, escreveu um livro didático de certo sucesso, abriu seu próprio curso e seu colégio; finalmente, já sem sociedade alguma, fundou a Faculdade. Em 1967, foi eleito vereador de Curitiba pela ARENA, mesma ocasião e partido em que Ney Braga, também militar e futuro governador do estado, se elegeu para o cargo de senador.

Em todos esses momentos importantes da trajetória de Santos, verifica-se a confluência de fatores viabilizados ou provavelmente facilitados pela carreira militar. Apesar de impulsioná-lo em direção à vida civil e de evidenciar algum desajuste com suas possibilidades concretas de ascensão dentro do Exército, as ambições de Santos apoiaram-se em grande medida em vantagens oferecidas pelo pertencimento ao “grupo militar”. No seu interior, a fórmula “todo mundo se conhecia” era ainda mais válida do que já o era para a reduzida população de Curitiba em 1950 (TRAJETÓRIAS, 2002, p. 739). O Exército proporcionou a formação e a estabilidade iniciais; o acesso (embora talvez não imediatamente o ingres-

so) a círculos políticos dominantes locais; as parcerias para as iniciativas no ramo do ensino privado; e a segurança econômica, física e moral para proteger-se das investidas do preconceito racial. Segundo seu filho, chegava inclusive a sair fardado e armado na rua para intimidar a concretização desse tipo de situação constrangedora “em uma Curitiba dominada por alemães, poloneses e italianos” (CARVALHO, 2008).

Santos “suspendeu” a carreira militar em um momento em que já tinha larga experiência como empresário do ensino privado. Em 1958 (então com 33 anos), fundou em sociedade com um colega de farda um curso preparatório para a admissão no Colégio Militar de Curitiba. Os sócios aproveitaram a oportunidade “quando souberam da perspectiva de criação do Colégio Militar” (TUIUTI, 2004). Além disso, possuíam já experiência docente em cursos preparatórios para o ginásio. O curso funcionou em diferentes locais até 1964, quando foi instalado na casa de Santos e batizado “Tuiuti”.

No período entre 1958 e 1964 ele e o sócio, Waldyr Jansen Mello, escreveram o *ABC do Admissão*, um livro didático para o exame de admissão no ginásio que obteve algum sucesso: ainda hoje pode ser encontrado à venda em sebos de Curitiba. A sociedade foi desfeita entre 1964 e 1966: Santos ficou com o curso e Mello com os direitos do livro. Em 1966, a expansão do negócio exigiu nova sociedade, dessa vez, com o general Adalberto Massa. Abriam pré-escola, escola primária, mini-ginásio (atualmente EJA), ginásio e magistério. Em 1967, o curso virou “Colégio Tuiuti”, cujo lema era “do maternal ao segundo grau”.

Santos já tinha constituído, até o ano de 1967, experiência e patrimônio no campo do ensino privado. Ocupavam-no demais os negócios e atividade educacional para que seguisse sua dedicação à carreira militar. Mas não havia como simplesmente abandoná-la. Calculou que a melhor forma de ver-se livre dela seria elegendo-se a um cargo político, e foi o que fez. Pela legislação vigente, todo militar eleito seria transferido para a reserva ou reformado. Na entrevista ao CPDOC (TRAJETÓRIAS, 2002), Santos levantou essa única razão para que concorresse ao cargo, dizendo-se bastante decepcionado com a política ao final do mandato. Mas na verdade, estar na Câmara Municipal trouxe-lhe algumas outras vantagens. A principal delas é que nesse período, em 1971, a Sociedade Educacional Tuiuti foi declarada instituição de utilidade pública pela Câmara. A SET era a mantenedora do Colégio Tuiuti e seria também da Faculdade, cuja abertura já vinha sendo preparada desde o ano anterior, 1970. Esse *status* conferia isenções fiscais e a possibilidade de repasse de verbas públicas para manter a saúde financeira da instituição. O *status* era atribuído àque-

las instituições cuja atuação fosse considerada importante e complementar à do Estado.

Santos conheceu Jarbas Passarinho no período da Escola Militar e era amigo de Ney Braga, ao lado quem concorreu nas eleições de 1967. O primeiro foi ministro da educação de 1970 a 1974 e o segundo o foi nos quatro anos seguintes. Também tinha boas relações com Algacyr Munhoz Maeder, paranaense e membro do CFE (Conselho Federal de Educação) até 1975 (o órgão era responsável, entre outras coisas, pela concessão de permissões de abertura às novas instituições de ensino superior). Portanto, o projeto de fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Tuiuti tinha boas chances de dar certo; e elas iam muito além da leitura acertada das potencialidades do mercado educacional local que Santos efetivamente realizou. Era o momento apropriado para tentar o passo mais decisivo de sua trajetória. De 1970 a 1973, tudo foi planejado e preparado para a aprovação do CFE, que permitiria a realização do primeiro vestibular e o início das aulas.

Um dos acontecimentos mais determinantes para a fundação da Tuiuti foi a “reforma Passarinho” de 1971, que estabelecia novas regras para a organização do ensino. Foi proposta pelo então ministro Jarbas Passarinho. Entre outros pontos, a reforma determinava a insuficiência do diploma de curso Normal para a ocupação de diversos cargos de administração e orientação escolar. Várias normalistas precisaram “atualizar-se” obtendo um diploma de Pedagogia. Muitos dos principais cargos de direção das escolas eram ocupados por mulheres normalistas da elite local. Ou seja, círculos próximos ao da esposa de Santos, Maria de Lourdes Rangel, que era curitibana, professora e de uma família que possuía riquezas (basta conferir a educação que afirma ter recebido: para ser uma “dama”, com preceptoras estadunidenses e numa escola internacional (PROMOVER, 2002, p. 11).

Realizou-se em 1973, o primeiro vestibular da Tuiuti. Havia 200 vagas para Pedagogia, 200 para Psicologia e 100 para Letras. Solange Nogueira Maeder, nora de Algacyr Munhoz Maeder, esteve na banca de correção das provas e a primeira diretora da Faculdade. A autorização de abertura foi concedida pelo CFE em 5 de julho de 1973, confirmando o juízo expresso no relatório de Algacyr, o único conselheiro paranaense.

Os relatos de professoras daquela primeira turma de Pedagogia atestam que se compunha basicamente de normalistas mais velhas, “pessoal mais profissional”; havia apenas duas “mocinhas”. Além disso, eram “representativas da comunidade” na expressão de uma dessas professoras. Essa não é senão uma referência ao fato de que havia várias mulheres

da elite local, como a própria esposa do “professor Sydney”, que se formou na primeira turma, Chloris Casagrande Justen (casada com o desembargador Marçal Justen) e Maria da Luz Portugal Werneck, da tradicional família Portugal enraizada no judiciário paranaense. Muitas dessas mulheres eram diretoras de escola que buscavam “atualização”. O curso de Psicologia da Tuiuti, por sua vez, também aberto em 1973, foi muito importante em outro sentido: em 1970 residiam em Curitiba apenas 13 psicólogos (IBGE, 1970, p. 36-37); em 1980, mais de 1300 (IBGE, 1982-1983, p. 324). As três turmas de Psicologia da Tuiuti que se formaram de 1977 a 1979 tinham quase 200 alunos cada, ou seja, podem ter formado aproximadamente a metade dos profissionais residentes em Curitiba em 1980.

Psicologia e Pedagogia eram cursos típicos da expansão do ensino privado no Brasil nos anos 70 (SCHWARTZMAN apud SAMPAIO, 2000, p. 60). Eram “carreiras modernas”, “novas áreas profissionalizantes” ligadas à vida crescentemente urbana e à diversificação e especialização econômica características do momento. A Tuiuti surgiu nesse processo acelerado de modernização e se estabeleceu em um dos seus nichos, afinada com o que ocorria no Brasil e com ainda mais intensidade no Paraná dos anos 50, 60 e 70.

O “coronel Sydney” ousou, inovou e aproveitou as oportunidades que teve em consonância com as suas aspirações. Superando obstáculos tipicamente colocados à sua condição de negro, tornou-se um grande empresário do ensino superior. Isso, mais do que o ser educador – que desde um ponto de vista romântico talvez seja mais elogioso –, tornou-o uma exceção admirável. Mas “empresário do ensino superior” é apenas o ponto de chegada de uma narrativa sobre a ascensão social do “coronel Sydney”. Esse “final feliz” foi possível, da forma como ocorreu, somente pela convergência fundamental da atividade em outras três esferas: o Exército, o magistério e a política (incluindo as relações pessoais). A figura do “coronel Sydney”, hoje tão conhecida em Curitiba, formou-se da atividade simultânea nessas esferas. Com isso, respondemos à primeira pergunta, sobre os principais caminhos de ascensão do “coronel Sydney”.

Por que essa análise é importante, em lugar de simplesmente vê-lo como um caso excepcional de ascensão social? É que chegamos a uma conclusão inusitada: o “coronel Sydney” ascendeu justamente através de três das esferas tradicionais de ascensão social do negro desde a abolição (FREYRE, 2003, p. 796; IANNI, 1988, p. 266-7; NOGUEIRA, 1988, p. 188).

É também possível responder à segunda pergunta, sobre os tipos de ascensão acessíveis ao negro na Curitiba de meados do século XX. A trajetória do “coronel Sydney” reflete, em um determinado sentido, as



mudanças sociais em curso - a “modernização”. Demonstra o sucesso na iniciativa privada, como empresário, e ainda por cima em um campo novo, o da educação superior especializada em carreiras “modernas” e tipicamente urbanas. Mas a necessidade de mobilização das três esferas tradicionais de atividade deixa claro que o “coronel Sydnei” forçou a entrada no novo campo. Converteu os capitais acumulados nos outros três, com o efeito de reforço mútuo, em possibilidades de concretizar o sonho de ser dono de uma Universidade (a Tuiuti virou Universidade em 1997) e “chefe” em um ramo novo da economia capitalista.

A trajetória do “coronel Sydnei” exemplifica as condições de ascensão do negro no cenário de modernização de uma das capitais da região Sul do Brasil nos anos 50, 60 e 70. Após situar a trajetória em um processo de modernização e identificar nela elementos “novos” e elementos “tradicionais”, não podemos concluir simplesmente pela existência de uma composição “híbrida”. O processo que torna compreensível a trajetória teve especificidades relevantes que, por sua vez, o caso concreto ilumina. Sabemos pelo menos desde Marx que o desenvolvimento da sociedade burguesa, tanto do ponto de vista material quanto do ideológico, apesar de operar uma inédita racionalização da vida, é atravessado por lutas políticas constitutivas. A modernização paranaense e a sua ideologia própria são ótimos exemplos.

A abertura de oportunidades “modernas” ao “coronel” não acompanhou a extinção do critério racial de classificação social em Curitiba. Nos caminhos de ascensão identificados e na explicitação do preconceito racial delineia-se uma estrutura de oportunidades que correspondia ainda a concepções essencialistas das posições ideais dos diferentes grupos. O lembrar a “raça” de um elemento tipicamente subalterno que sobe é lembrar-lhe que usurpa uma posição que não lhe é devida, independente do mérito. É demarcar uma distância social com o objetivo de conservar um estado de coisas.

A consciência típica da modernização paranaense a partir dos anos 50 assumiu a forma de um “pensamento conservador” (MANNHEIM, 1986) através de intelectuais como Temístocles Linhares e Wilson Martins. *Paraná vivo* (1953) e *Um Brasil diferente* (1955), respectivamente, são obras que traduziram aquele “choque” violento que modificou o Paraná em 30 anos. Atualizando o espírito de insegurança identitária (MARCHIORI, 2009, p. 80) do jovem estado (emancipado politicamente de São Paulo apenas em 1853), reinterpretaram-no criando um novo passado, um novo presente e sobretudo um novo futuro. Utilizando pressupostos do culturalismo freyreano, idealizaram um Paraná que, finalmente, a partir dos anos 50, presentearia o Brasil com uma “contribuição original”: o imi-

grante “aculturado”, ou seja, feito brasileiro por sua lealdade à nova pátria e por sua adaptação a uma região – ainda que “mais nórdica” – do Brasil; mas ainda assim portador de suas características europeias “adiantadas”. O descendente do imigrante alemão é alçado a elemento vanguardista dessa contribuição original. São idealizadas a sua disposição técnica, seu estilo de vida urbano, sua laboriosidade e até mesmo sua composição física “superior” e mais bela (MARTINS, 1989). Temístocles Linhares, inclusive, justifica alguns de seus argumentos através de uma leitura tosca do Nietzsche da contestada obra *Vontade de potência*.

A projeção futura do estado e a importância de sua “contribuição original” ao Brasil fundamentam-se nessa interpretação racista. O amálgama da virtude absoluta do elemento alemão com as virtudes de outros grupos étnico-raciais (poloneses, italianos, ucranianos, etc.) garantiria, na visão desses ideólogos, a “modernidade” branca e mais europeia do Paraná. Claro que a contrapartida disso é o desprezo pela típica matriz brasileira das três raças, que é especularmente tomada como representante de um complexo social, econômico e cultural atrasado. A partir da identificação de grupos étnico-raciais com tipos de sociedade claramente hierarquizados, a “ideologia modernizadora paranaense” dos anos 50 cria uma imagem do Paraná progressista desejado: brasileiro, *pero no mucho*, pois branco e de origem europeia.

Qual a relação entre essa “ideologia modernizadora” paranaense, que dá um sentido particular ao seu processo de modernização, e a trajetória do “coronel Sydney”? Ambas mostram a expressão racista do conservadorismo. Tanto a ideologia quanto a trajetória foram construídas no mesmo período, local e processo social. Mostram um dos conflitos da constelação de fatores que caracterizou aquele momento: a “abertura” (mesmo que parcial) da sociedade a novas formas de ascensão e distribuição do privilégio – processo típico da sociedade urbano-industrial; o estado desigual dos grupos em conflito pelo privilégio; o senso internalizado das posições apropriadas para cada grupo na hierarquia social, que se baseia no estado das lutas pelo privilégio e toma características simbólicas como indicadores (a cor da pele, por exemplo, mas também o gosto (BOURDIEU, 2007)); por último, a reação conservadora à “abertura” de novas possibilidades, reação que tende a pôr cada coisa de volta em seu lugar.

O preconceito racial é um indicador da desigualdade racial e das tensões por sua manutenção ou superação. Enquanto a desigualdade de condições na estrutura de distribuição de bens, serviços e honras engendrar, por si só, vantagens e desvantagens para grupos raciais em competição (como demonstrou Carlos Hasenbalg (2005), a “raça” continuará

sendo um conceito analítico sociologicamente relevante (GUIMARÃES, 2001, p. 75), como o foi para análise da trajetória do “Coronel Sydnei”. Finalmente, o conservadorismo racista da estrutura social brasileira é uma forma de manifestação do seu conservadorismo em geral. A consciência científica dele é uma das frentes de ataque à nossa desigualdade social histórica e uma das ferramentas para a construção da democracia.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk/ São Paulo: EDUSP, 2007.

CARVALHO, Mario Cesar. “Elite preta” se divide sobre extensão do preconceito. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 nov 2008. Caderno especial “Racismo”.

CASTRO, Celso. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Editora Global, 2003.

GUIMARÃES, Antonio S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: FUSP; Edições 34, 2002.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte;/Rio de Janeiro: Editora UFMG;/IUPERJ, 2005.

IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. São Paulo: HUCITEC;/Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

IBGE. *Censo demográfico: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade*. Rio de Janeiro: IBGE, 1982-1983, v. 1, t. 4 (26 v.).

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico – Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

LINHARES, Temístocles. *Paraná vivo: sua vida, sua gente, sua cultura*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio/ Brasília: Editora INL, 1985.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986.

MARCHIORI, Flávia Regina. *Paraná: um Brasil diferente? Construções intelectuais de uma identidade regional paranaense*. Departamento de Ciências Sociais, UFPR (Monografia), 2009.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1989.

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: as relações sociais em Itapetinga*. São Paulo: EDUSP, 1998.

O TUIUTI: Órgão de divulgação da Sociedade Educacional Tuiuti. Curitiba: UTP, n. 0, 24 mai. 1988.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, Edição especial, 19 ago 1988.

PROMOVER: *Revista da Universidade Tuiuti do Paraná*. Curitiba: UTP, abr/maio 2000, p. 9-11.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, maio/jun 2001, p. 4.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, nov 2001.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, dez 2001, p. 9.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, jul 2002, p. 10-11.

\_\_\_\_\_. Curitiba: UTP, maio/jul 2003, p. 27.

RANGEL SANTOS, Maria de Lourdes. Entrevistadora: BOSCHILIA, Roseli. Entrevista concedida ao projeto *História da Universidade Tuiuti do Paraná*, 30 mar. 1999.

SAMPAIO, Helena Maria Sant'Ana. *O ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: Editora HUCITEC/FAPESP, 2000.

TRAJETÓRIAS da Universidade privada no Brasil: depoimentos ao CPDOC-FGV. In: HEYMANN, Luciana; ALBERTI, Verena (Orgs.). Brasília: CAPES/Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas/ CPDOC, 2 v., 2002.

TUIUTI Especial: informe de 24 de maio de 2004 (Disponível no acervo do curso de História da UTP).

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*, Rio de Janeiro: Editora LTC, 2002.